



Os mapas e as diferentes representações da América Latina

Os mapas, durante muito tempo, foram os principais instrumentos utilizados para conhecer um determinado lugar. Olhando os mapas, tínhamos a ideia de estar nos aproximando das características e das formas de uma determinada localidade. Ao analisarmos os mapas de uma forma mais crítica, contudo, alguns outros aspectos passam a despontar. Os mapas, ao invés de serem objetos que “apresentam a realidade assim como ela é”, são **representações** elaboradas por indivíduos sobre determinadas áreas.

Nas aulas anteriores começamos a falar sobre representações, nesta vamos avançar um pouquinho mais. Uma vez que são representações elaboradas por indivíduos, a confecção dos mapas também deve ser compreendida a partir da época em que foi realizado, dos instrumentos e informações disponíveis naquele momento por aquela pessoa, e também os interesses e funções estabelecidas para aquele mapa. Vamos pensar sobre os mapas que passaram a ser confeccionados na Europa a partir dos séculos XV e XVI, com o início do processo de expansão marítima europeia. Certamente aqueles mapas apresentam informações muito distintas daquelas que encontramos hoje mas seria correto dizermos simplesmente que aqueles mapas estão errados? Ou seria mais adequado, considerando as condições e contexto daquele momento, buscar identificar nos mapas quais os elementos apresentados que nos ajudam a compreender a sociedade na qual ele foi produzido? Por exemplo: um mapa no qual o continente americano aparece incompleto e habitado por seres estranhos, deve ser desprezado pelos seus “erros”, ou deve ser analisado dentro de um contexto de conquistas territoriais europeias que sofre ainda com uma forte influência cultural católica? Pensamos que essa última possibilidade pode ser mais proveitosa.

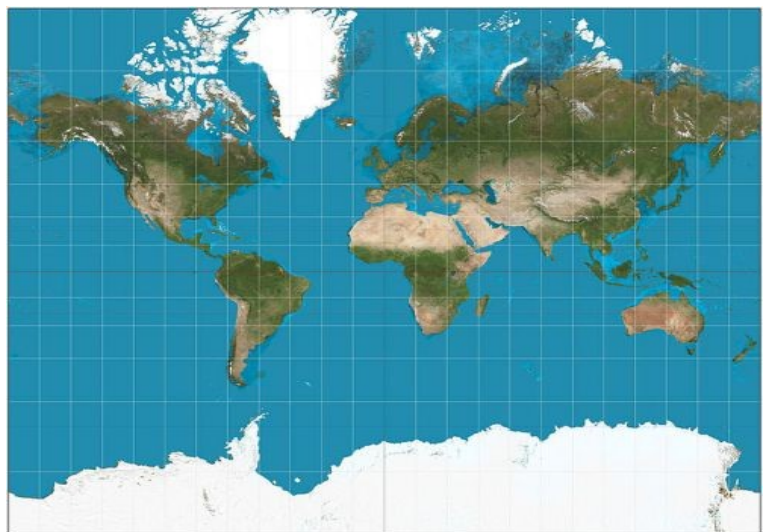
Estas reflexões são válidas tanto para aqueles mapas produzidos há mais de cinco séculos, como para aqueles produzidos em um período mais próximo. Nos diferentes momentos devemos ter nítido que estamos vendo representações do mundo e que, portanto, estamos à frente de uma forma (entre tantas outras) que apresenta uma visão bastante particular sobre este mundo. Ao considerarmos, por exemplo, aquela que deve ser a mais conhecida representação cartográfica do mundo (a chamada projeção de Mercator, como mostra a imagem da outra página), que está presente na maioria dos livros escolares, também podemos confrontá-la com algumas questões. Por exemplo: Não existindo um em cima ou um embaixo do universo, porque o mapa possui esta disposição específica? Será uma coincidência os países “centrais” estarem na parte superior do mapa e os “periféricos” na parte inferior? Por que aceitamos que a representação da Europa,

presente neste mapa, apresente um tamanho bem maior do que aquele que a mesma possui na realidade?

Um outro exemplo interessante para pensarmos sobre os mapas como representações é a obra do artista plástico uruguaio Joaquín Torres García, *América Invertida* de 1943, como podemos ver na figura abaixo. Antes de definirmos esta obra como uma simples inversão de um mapa, ela deve ser percebida de forma mais complexa, a partir de um conjunto de significados e uma série de reflexões que a mesma pretende suscitar.

Dentre as diferentes possibilidades de interpretação e representação desta obra, dois elementos podem ser destacados: o primeiro faz referência ao conjunto da obra do artista; o segundo, ao sentido desta obra em específico. Torres García, ao retornar da Europa no início da década de 1930, possui como um dos seus objetivos romper com a dependência artística que tínhamos em relação à Europa. Segundo o próprio artista, este buscava “criar em Montevideu um movimento que superará a arte de Paris”.

Quando analisamos especificamente a obra (*América Invertida*), é possível identificar, a crítica do autor à hegemonia exercida pelos países e culturas do “Norte”. Utiliza-se da Geografia e, por meio de uma expressão artística, apresenta a sua crítica. Ao propor a chamada *Escuela del Sur*, Torres García afirma: “Nosso Norte é o Sul. Não deve haver norte, para nós, senão por oposição ao nosso Sul. Por isso pomos agora o mapa ao contrário, e assim temos a ideia correta de nossa posição, e não como querem no resto do mundo. A ponta da América, ao prolongar-se, a partir de agora, assinala insistentemente o Sul, nosso Norte”.¹ O artista busca, desta forma, a valorização e o desenvolvimento de uma arte tipicamente latino-americana (inclusive com a valorização das expressões culturais autóctones). Com a sua “*América Invertida*”, Torres García apresenta uma crítica à constante busca da globalização pela ‘homogeneização’ dos povos, bem como, à hipervalorização de tudo que é próprio ao hemisfério norte.



1 TORRES GARCIA, J. *La Escuela del Sur*. In: **Universalismo constructivo**. Madrid: Alianza Editorial, 1984.